



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

AILANNE CAMARGO MENDES

**AS DIFICULDADES DE PROFESSORES E DE ALUNOS  
NO ENSINO-APRENDIZAGEM DA ORTOGRAFIA**

Brasília/DF

2012

AILANNE CAMARGO MENDES

**AS DIFICULDADES DE PROFESSORES E DE ALUNOS  
NO ENSINO-APRENDIZAGEM DA ORTOGRAFIA**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde (FACES) do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), tendo como orientador o Prof. Dr. Marcus Vinicius da Silva Lunguinho.

Brasília/DF

2012

AILANNE CAMARGO MENDES

**AS DIFICULDADES DE PROFESSORES E DE ALUNOS  
NO ENSINO-APRENDIZAGEM DA ORTOGRAFIA**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde (FACES) do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), tendo como orientador o Prof. Dr. Marcus Vinicius da Silva Lunguinho.

Monografia defendida e aprovada em: 05 / 12 / 2012

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Marcus Vinicius da Silva Lunguinho (UniCEUB)

---

Prof. Msc. Paulo Medeiros Júnior (UniCEUB)

---

Prof. Msc Rosi Valéri Corrêa Araújo (UniCEUB)

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar e, acima de tudo, a Deus, que me deu forças para alcançar este tão sonhado objetivo. Ele é minha força e meu caminho.

À minha mãe pelo carinho, pelo amor, pela atenção e pelo cuidado a mim dedicados.

Ao meu paizinho, que, onde quer que esteja, está olhando por mim e cuidando para que nada de mal me aconteça. Saudades eternas.

Aos meus irmãos e ao meu padrasto pelo apoio e pelo carinho.

Às minhas primas, que, em minha vida, são mais que irmãs e com as quais sei que posso sempre contar, em especial Naiandra Camargos, que está ao meu lado nos momentos de que mais preciso.

Ao meu namorado, que, em pouco tempo, soube me dar a certeza de que eu não estou sozinha.

Às minhas amigas pelo companheirismo e pela capacidade incrível de me fazer sorrir nos momentos tristes.

Ao professor Marcus Linguinho, pela calma, pela atenção e, principalmente, por sua sabedoria e por sua paciência ao saber me acalmar nos momentos de desespero durante a execução deste trabalho. Sem ele, eu não teria conseguido terminar a minha pesquisa.

Aos demais professores do curso de Letras do UniCEUB, pela forma sábia de transmitir seus conhecimentos.

Aos meus colegas de turma, em especial à minha grande amiga Taiana Ponte, pelos inúmeros trabalhos que fizemos juntas, por seu companheirismo e por sua amizade.

E finalmente, a todos aqueles que, com gestos, orações ou palavras, me deram força, me acalmaram e me incentivaram a estar aqui.

*Não permitir a manifestação de grande júbilo ou grande lamento em relação a qualquer acontecimento, uma vez que a mutabilidade de todas as coisas pode transformá-lo completamente de um instante para o outro; em vez disso, usufruir sempre o presente da maneira mais serena possível: isso é sabedoria de vida. Em geral, porém, fazemos o contrário: planos e preocupações com o futuro ou também a saudade do passado ocupam-nos de modo tão contínuo e duradouro, que o presente quase sempre perde a sua importância.*

Arthur Schopenhauer

## RESUMO

A ortografia é a parte da gramática de uma língua responsável pela escrita correta das palavras. Ela se baseia no padrão culto da língua, encontrado nas gramáticas normativas e nos dicionários. Tendo em vista o ensino da ortografia e, mais precisamente, as dificuldades encontradas nele, os professores enfrentam um problema que se agrava dia após dia, pois, muitas vezes, os alunos concluem os estudos sem dominar esse assunto. Este trabalho objetiva identificar as dificuldades no ensino-aprendizagem da ortografia da língua portuguesa encontradas por professores e por alunos de uma escola pública do Distrito Federal. A modalidade de pesquisa escolhida para tal fim foi a pesquisa qualitativa etnográfica. Os instrumentos de coleta de dados empregados foram a observação das práticas de sala de aula, questionários semiestruturados (aplicados aos professores e aos alunos) e documentos (textos produzidos pelos alunos e avaliações aplicadas pelos professores).

**Palavras-chave:** Ensino de língua portuguesa; Ortografia; Pesquisa qualitativa.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
 <b>CAPÍTULO UM</b>	
<b>Ortografia: conceito, história e ensino .....</b>	<b>10</b>
1.1 A noção de ortografia .....	10
1.2 A história da ortografia portuguesa .....	11
1.2.1 Os períodos da ortografia portuguesa .....	11
1.2.2 Os acordos ortográficos .....	13
1.3 O ensino da ortografia .....	13
1.3.1 A postura do professor e a noção de ortografia predominante na escola .....	14
1.3.2 As interferências sobre os alunos .....	16
1.3.2.1 A interferência da oralidade na escrita .....	16
1.3.2.2 A interferência da escrita digital .....	17
1.3.2.3 A intereferência de variantes regionais .....	18
 <b>CAPÍTULO DOIS</b>	
<b>Metodologia da pesquisa .....</b>	<b>19</b>
2.1 A pesquisa qualitativa .....	19
2.2 A pesquisa etnográfica .....	20
2.3 O contexto da pesquisa .....	20
2.3.1. O perfil da escola .....	21
2.3.2 O perfil dos colaboradores .....	22
2.3.2.1 Os alunos .....	22
2.3.2.2 Os professores .....	23
2.4 A coleta de dados .....	24
2.4.1 Questionários .....	25
2.4.2 Observação de práticas da sala de aula .....	26
2.4.3 Documentos .....	27
 <b>CAPÍTULO TRÊS</b>	
<b>Análise dos dados .....</b>	<b>28</b>
3.1 Análise dos dados na perspectiva qualitativa .....	28
3.2 Notas de observação: análise das práticas feitas em sala de aula .....	28
3.2.1 Aulas expositivas .....	29
3.2.2 O caderno de caligrafia .....	29
3.2.3 Os ditados e as produções de texto .....	30
3.2.4 Análise e discussão das práticas feitas em sala de aula .....	31
3.3 Documentos coletados.....	31

3.4 Depoimentos .....	32
3.4.1 A voz dos professores .....	32
3.4.2 A voz dos alunos .....	33
3.5 Os erros encontrados .....	34
3.5 Desafios para o ensino da ortografia .....	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>38</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>40</b>



## INTRODUÇÃO

A ortografia é a parte da gramática de uma língua responsável pela grafia correta das palavras. No que diz respeito ao seu ensino, os professores de Língua Portuguesa enfrentam um problema que se agrava dia após dia: muitas vezes, os alunos concluem os estudos sem dominar essa parte da gramática ou até odiando-a.

Diante dessa situação, este trabalho tem como objetivo geral mostrar a importância do ensino da ortografia e buscar entender a natureza das dificuldades encontradas em sala de aula durante o processo de ensino-aprendizagem da ortografia.

Por meio de uma pesquisa qualitativa etnográfica desenvolvida em uma escola pública do Distrito Federal, buscaremos alcançar os objetivos propostos. Nessa pesquisa, foram utilizados como instrumentos de coleta de dados: notas de observação de sala de aula, dois questionários (que foram respondidos por dois professores de Língua Portuguesa e por alunos do 7º ano do Ensino Fundamental) e alguns documentos referentes a atividades e avaliações feitas pelos alunos.

Este trabalho divide-se em três partes. A primeira traz uma revisão bibliográfica sobre a ortografia, enfocando a história da ortografia portuguesa, o sistema ortográfico atual e o Novo Acordo Ortográfico de 2009.

A segunda parte descreve a pesquisa de campo desenvolvida em uma escola pública do Distrito Federal bem como um dos instrumentos de coleta de dados: o questionário proposto para os professores e alunos.

A terceira parte traz a análise dos dados colhidos durante a pesquisa.

Seguem-se as conclusões, momento em que apresentamos os principais resultados a que a pesquisa chegou.

## CAPÍTULO UM

### Ortografia: conceito, história e ensino

A ortografia é a parte da gramática de uma língua responsável pela grafia correta das palavras. A história da ortografia da língua portuguesa passa por três momentos. No primeiro, as palavras eram grafadas mais ou menos de acordo com a sua pronúncia, sem nenhuma sistematização criteriosa. No segundo momento, usam-se símbolos extravagantes a pretexto de uma aproximação artificial como o grego e o latim. É desse período o emprego de consoantes geminadas e consoantes sem som (usadas apenas com finalidade etimológica). No terceiro momento, aparece Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, foneticista português, que, depois de algumas tentativas, consegue apresentar um sistema racional de grafia.

#### 1.1 A noção de ortografia

Segundo Kato (1987), ler e escrever são atos de comunicação que envolvem dois parceiros, sendo que um deles é apenas imaginado, representado, oculto. A autora considera que, na escrita, o que fazemos pode ser visto, até certo ponto, como etapas discretas e sequenciais, mas o fato de poder haver falhas no caminho leva o sistema a permitir retornos, o que contribui para a natureza recursiva dos processos de escrita.

Derivada das palavras gregas, *ortho*, que significa “correto”, e *graphos*, que significa “escrita”, a ortografia nada mais é que a grafia correta das palavras de uma língua. Conhecê-la facilita o seu ensino e sua aprendizagem. Com base nisso, é de suma importância expor nesta pesquisa a história e a evolução da nossa ortografia.

Segundo Cabral (2003), a importância da ortografia está em nos permitir, pela leitura dos símbolos gráficos, reproduzir mental ou oralmente os sons de que se

compõem as palavras. A forma visual que uma palavra assume concorre para nos fazer reconhecê-la e nos auxilia na evocação dos seus sons ou fonemas constitutivos.

## **1.2 A história da ortografia portuguesa**

A história da ortografia portuguesa começa no século XV e perpassa os outros séculos marcada por reformas e melhorias. Caracteriza o século XX o Novo Acordo Ortográfico de 1990, assinado em 2009 e que visa à unificação da ortografia dos países que têm o Português como língua oficial.

### **1.2.1 Os períodos da ortografia portuguesa**

No século XV, a ortografia portuguesa já estava se tornando oficial e surge nesse período a necessidade de explicitar a gramática e normatizar a escrita. Com isso houve a tentativa de fixação da ortografia portuguesa, preocupando-se em criar um sistema ortográfico mais próximo da fonética, ou seja, a ortografia como reprodução fiel dos sons da fala. Nessa época, chegou-se a um certo nível de regularidade.

No século XVI, não havia muitos problemas ortográficos: cada fonema era representado por uma única letra e cada letra representava um único fonema. Isso tornou a ortografia mais harmônica

Com a necessidade de regularizar a ortografia, alguns escritores refletiram sobre a adoção de uma ortografia fonética, onde há um símbolo para cada som. A língua, porém, nunca é a mesma em todas as regiões e isso seria um problema para esse sistema ortográfico puramente fonético. Pensou-se também na adoção de uma ortografia etimológica, que resgatasse a herança latina. Também se cogitou adotar uma ortografia mista, que misturava a ortografia fonética e a ortografia etimológica, levando em conta normas linguísticas dominantes.

Esse reconhecimento fez com que os gramáticos optassem por um único critério, tentando evitar possíveis confusões.

A partir dos séculos XVII e XVIII, o principal objetivo era o de propor um sistema ortográfico intermediário entre a ortografia fonética de João de Barros e a ortografia etimológica de Duarte Nunes de Leão. A primeira obra a tratar da ortografia no século XVII e que teve muita importância, foi a *Orthographia*, de João de Morais Madureira Feijó, publicada em 1739. Nela, seu autor se mostra favorável a uma ortografia etimológica e afirma ouvir o som das letras etimológicas, colocadas apenas para imitar a grafia latina, como no caso de palavras como *victória*, em que o grafema < c > é pronunciado tão unido ao grafema < t > que não se dá espaço entre um som e outro.

No século XIX, começam a aparecer propostas inovadoras que se apresentam como uma solução didático-pedagógica. Nesse período, os gramáticos tiveram uma preocupação com a lógica e tentaram explicar, com clareza e minúcia, pontos da gramática tais como: uma descrição detalhada do sistema fonético português, a regularização da grafia dos ditongos orais entre outros.

José de Castilho, com sua *Orthographia Portugueza*, publicada em 1860, disserta sobre as vantagens do sistema etimológico na ortografia e sobre a necessidade de fixação da ortografia portuguesa. Mantendo uma postura ponderada sobre o assunto, ele considera mais importante a aquisição de uma boa ortografia do que a facilidade do aprendizado.

No século XX, Brasil e Portugal estudam um acordo ortográfico para os países de língua oficial portuguesa. Surge assim o Acordo de Ortografia Unificada que foi assinado em 1990 e ratificado em 1991. Na história da ortografia portuguesa nunca houve consenso entre os autores.

As principais dificuldades ortográficas durante todos esses períodos sempre estiveram relacionadas ao fato de um mesmo fonema poder ser representado por várias letras e uma mesma letra também poder representar fonemas distintos. A partir daí, vê-se o porquê de surgirem algumas dificuldades ortográficas na escrita das palavras.

### **1.2.2 Os acordos ortográficos**

No início do século XX, Portugal estabeleceu pela primeira vez um modelo ortográfico de referência para as publicações oficiais e também para o ensino. Esse modelo não foi adotado pelo Brasil, tornando a ortografia do português um tema sobre o qual muito se discutiu e se negociou. Com o objetivo de instituir normas comuns que regessem a ortografia oficial de todos os países de língua oficial portuguesa, foram assinados tratados de acordos ortográficos. O primeiro deles data de 1931 e o mais recente é de 1990. Esse último acordo, assinado em 2009, tenta promover uma unificação da ortografia entre os países de língua oficial portuguesa.

### **1.3 O ensino da ortografia**

A escrita foi uma grande invenção da humanidade. Representou um marco na evolução humana, constituindo também um desafio para quem tem de usar a escrita no seu cotidiano.

A partir do momento que a criança entra na escola e começa o processo de alfabetização, a escrita passa a fazer parte do conjunto de dificuldades a serem enfrentadas por ela, dificuldades essas que podem perdurar por toda a vida. É como se a criança tivesse que aprender uma nova língua. Apesar disso, o ensino da ortografia é de suma importância para a formação do aluno, pois, como Cagliari (2001) afirma, para o homem que conhece e sabe usar corretamente a língua escrita, ela representa uma condição social melhor e oferece mais oportunidades de conquistar prestígio.

Como se vê, o domínio da expressão escrita e o acesso ao estudo dão poder social a quem os possui.

### 1.3.1 A postura do professor e a noção de ortografia predominante na escola

A ortografia é uma convenção social criada para facilitar a comunicação escrita. Conseguindo dominá-la, temos uma forma comum de escrever cada palavra, incluindo aquelas que têm mais de uma opção de letra para determinado som. Nesse caso, as palavras quanto à grafia podem ser divididas em palavras que obedecem a regularidades e palavras que obedecem a irregularidades. Para que as crianças dominem a ortografia, é necessário propor um trabalho em duas frentes que levem em consideração essas regularidades e irregularidades da língua. Deve-se adotar estratégias para a memorização da grafia das palavras de maior uso.

Pellegrini (2002) afirma que o ensino da ortografia não evolui se, no caso da leitura e da produção de textos, não forem feitas várias transformações na atuação do professor. Os professores de língua portuguesa enfrentam um problema que se agrava dia após dia, pois, em muitos casos, os alunos concluem os estudos sem apresentar boa aptidão na escrita.

Segundo Silva (2009, p.20),

A ortografia age na parte gráfica e funcional da escrita. Por isso o ensino da ortografia deve acontecer desde as séries iniciais, onde os alunos aprendem a ler escrever e falar de uma maneira correta. A ortografia é um meio eficaz de aprender a ler, escrever e falar corretamente, e é de extrema importância enfatizá-la de uma forma mais intensa no ensino.

Morais (2003) afirma que, para compreendermos a complexidade atual de qualquer norma ortográfica, precisamos ter em mente que as formas de realização da linguagem, oral ou escrita, são históricas e refletem os percursos dos povos que as utilizam. Na perspectiva do ensino, é importante ressaltar que um dos principais objetivos da educação é promover a aquisição da escrita/ortografia e da leitura/oralidade.

Zorzi (2003, p.78) afirma que:

Embora, de fato, possamos encontrar uma série de crianças com reais dificuldades de aprendizagem, elas correspondem, felizmente, a uma minoria. Por outro lado, e infelizmente, a grande maioria não aprende por falta de propostas e condições educacionais mais apropriadas, caracterizando o que podemos chamar de “pseudo” distúrbios de aprendizagem: projetam-se no aprendiz as deficiências do ensino.

Segundo Morais (1999), na maioria das vezes, as escolas continuam não tendo metas que definam os avanços que esperam promover sobre conhecimentos ortográficos dos alunos. Para ele, nesse espaço, a ortografia continua sendo mais um objeto de avaliação, de verificação, que de ensino. O autor afirma que, em lugar de criar uma situação de ensino sistemático, a atitude de muitos educadores parece revelar mais uma preocupação em verificar se o aluno está escrevendo corretamente do que aprendendo de fato a escrever. Isso fica muito claro, por exemplo, no modo como tradicionalmente se realizam os ditados na escola.

Seguindo o raciocínio de que boa parte do fracasso no ensino de ortografia nas escolas é consequência também da atuação dos professores, Silveira (1986) afirma que a criança erra porque não conhece a representação ortográfica, porque se sente examinada e testada, e também porque muitas vezes as atividades de escrita não têm significado para ela.

Cagliari (2001) considera que, já que a escrita ortográfica não admite variações, seu ensino merece uma atenção especial.

Morais (2003) afirma que algumas regras de memorização não garantem que o aluno as compreenda, pois elas vão garantir apenas que ele imitará o modelo certo. Conforme o autor, para mudar essa situação do ensino de ortografia nas escolas é preciso mudar a atitude do professor perante o erro do aluno. Muitas vezes, o professor (e também a escola) julga esses erros como ausência de raciocínio, fracasso e falta de atenção. Para corrigi-los, vem a punição: os professores fazem com que o aluno copie a mesma palavra diversas vezes. A cópia da forma certa é tida como garantia de que o aluno vai aprender a forma correta de grafar a palavra.

O autor ainda afirma que essa visão mecanicista se fundamenta na hipótese de que o aluno aprenderá aos poucos conforme vai acumulando informações. Alguns professores ainda acreditam que, se um aluno vir uma palavra escrita de maneira errada no quadro por outro aluno, essa forma será impregnada em sua mente; outros ditam palavras usando uma pronúncia artificial como se dessa forma os alunos fossem conseguir escrever corretamente. Essas práticas, no entanto, estão servindo apenas para impedir que os alunos reflitam.

Cabral (2003) afirma que a principal causa dos fracos resultados obtidos na aprendizagem da escrita está na falta de uma sólida fundamentação por parte dos professores quanto aos processos de codificação e de decodificação. O professor nada mais é que a base para os complexos processos de compreensão e produção do texto escrito. Ser bem alfabetizado é não titubear a cada passo diante de um grafema. Para a autora, a escrita é um passo secundário no sistema verbal, por isso é uma invenção que tem de ser estudada de forma intensiva e sistemática.

### **1.3.2 As interferências sobre os alunos**

O ensino da ortografia é uma das principais preocupações da escola, desde o processo de alfabetização até os últimos anos do Ensino Médio. Observa-se que, chegando à escola, a criança vem acompanhada de um conhecimento lingüístico prévio em relação à língua falada. É esse saber que lhe permite comunicar-se oralmente nas variantes de sua comunidade.

Quando o aluno inicia o processo de alfabetização, ele elabora, internamente, as suas regras – que nada mais são que a representação dos sons que utiliza na fala. Cagliari (2001) afirma que a fonética da língua tem influência marcante nas decisões que o aluno faz, seja quanto à escrita de uma palavra seja em relação à formulação de uma sentença.

#### **1.3.2.1 A interferência da oralidade na escrita**

O tema da influência da oralidade na escrita mostra que, em grande parte, os alunos se familiarizam pouco com a escrita e com a leitura. Isso tem a ver com o fato de eles se dedicarem a maior parte do tempo à comunicação oral e não à comunicação escrita.

Não podemos nos esquecer de que uma das dificuldades encontradas no ensino da ortografia se relaciona com a propensão de o aluno escrever de forma fiel a sua fala, deixando de lado algumas regras apontadas pela gramática normativa. Isso o coloca em desacordo com a norma padrão e traz consequências para a sua sua (futura) expressão escrita.



É importante destacar que, ao mostrar a influência que a oralidade exerce sobre a escrita, temos que entender as dificuldades que os alunos encontram em sua convivência com o uso da oralidade e da escrita na sala de aula.

Possenti (2012) afirma que o conceito de “escrever bem” é relativo já que escrever um e-mail para um amigo ou um bilhete é diferente de escrever um texto científico ou uma narrativa policial. O autor ressalta que o mais importante é o processo de escrita e o trabalho de reescrita.

### **1.3.2.2 A interferência da escrita digital**

Módolo e Braga (2012) afirmam que, com a chegada da internet ao Brasil, houve uma explosão de novos gêneros textuais: *blogs*, *microblogs*, *chats*, *conversa*ção digital...Os autores apontam que a *conversa*ção digital se desenvolve em uma linha tênue entre fala e escrita, configurando-se como uma espécie de texto falado por escrito. Os comunicadores instantâneos, como MSN, oferecem a possibilidade de trocas de mensagens em tempo real e isso faz com que os usuários se sintam falando por escrito. Disso resulta uma das marcas da escrita digital: o uso de abreviações para facilitar a comunicação e torná-la mais rápida: *pq* em vez de *porque* ou *vc* em substituição a *você*.

Para os autores, graças a esse tipo de interação, existem hoje mais jovens em contato com a palavra escrita. Já que essa tendência é irrefreável, não seria nada ruim se a escola pudesse tirar proveito do contato que os adolescentes têm com esse tipo de escrita para auxiliar também na melhoria de sua escrita padrão, afirmam os autores.

A esse respeito, Chartier (1997) afirma que a escrita na Internet nos induz a pensar como nossa concepção de texto está sendo alterada e como tal modificação carrega, desde o processo de sua criação, os vestígios dos usos e das interpretações permitidos pelas formas que a precederam. Para ele, essa questão talvez ganhe maior visibilidade se refletirmos mais detalhadamente sobre como as novas tecnologias incorporam os antigos avanços tecnológicos e introduzem mudanças que promovem e demandam novos modos de interação com o texto e via o texto escrito. A escrita no meio cibernético, que é a escrita de última geração,

coloca questões que nos levam a repensar a relação fala e escrita e a considerar modos mistos e heterogêneos de construção. Esse fato nos obriga a rever antigas categorias que opõem o texto falado ao escrito e também a cultura oral à letrada.

### **1.3.2.3 A interferência de variantes regionais**

Algumas variantes regionais também exercem influência na escrita dos alunos. Lemle (2003) aponta que alguns erros de ortografia nada mais são que transcrições ortograficamente corretas das pronúncias regionais de cada aluno.

A esse respeito, Neves (2003, p. 94) apresenta as atribuições da escola durante o processo de aquisição da ortografia:

Cabe à escola dar a vivência plena da língua materna. Todas as modalidades têm de ser “valorizadas” (falada e escrita, padrão e não-padrão), o que, em última análise significa que todas as práticas discursivas devem ter o seu lugar na escola. E mais uma vez se afirma, por outro lado, que à escola, particularmente, cabe o papel de oferecer ao usuário da língua materna o que, fora dela, ele não tem: o bom exercício da língua escrita e da norma padrão.

Podemos dizer que a língua falada difere muita da língua escrita. Ninguém fala exatamente como escreve e ninguém escreve exatamente como fala. Apesar de estarmos acostumados com a grafia de algumas palavras, algumas vezes ainda encontramos escritas erradas.

A aquisição da ortografia não se encerra com a alfabetização nem com o estudo de um manual. Ela requer um estudo mais profundo no qual não se deve desconsiderar a influência da língua que o aluno traz consigo para a escola.

Não existe uma fórmula pronta para o ensino de ortografia, uma vez que, nem sempre, os exercícios didáticos, como os que mandam preencher lacunas com letras de sons semelhantes, são os melhores e funcionam em todos os casos e para todos os alunos.

## **CAPÍTULO DOIS**

### **Metodologia de pesquisa**

#### **2.1 A pesquisa qualitativa**

Tanto a pesquisa qualitativa quanto a quantitativa lidam com dados, mas elas o fazem de maneiras diferentes. Ao contrário da pesquisa quantitativa, que é especialmente projetada para gerar medidas precisas e confiáveis que permitam uma análise estatística, a pesquisa qualitativa é exploratória, ou seja, estimula os entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Essa pesquisa tem como objetivo fazer com que surjam aspectos subjetivos e atinjam-se elementos não-explicitos, de maneira espontânea. Geralmente ela é usada quando se busca entendimento sobre a natureza de uma questão, abrindo espaço para a interpretação.

A pesquisa qualitativa vai além dos dados quantitativos e se utiliza de uma variedade de técnicas com a finalidade de interpretar os significados em um ambiente de investigação. Para uma pesquisa ser considerada qualitativa, nem sempre ela deve banir totalmente os dados de uma pesquisa quantitativa. Essas duas perspectivas de pesquisa são relacionadas, pois, em ambas, a análise é feita a partir dos valores e das referências do pesquisador.

Segundo Bortoni-Ricardo (2008), na abordagem qualitativa, o pesquisador deve fazer uma pesquisa prévia sobre o assunto para melhor desenvolver seus argumentos. A autora afirma que, embora o observador se esforce para ter uma postura neutra em relação ao objeto observado, sua bagagem cultural influencia o olhar que ele tem sobre esse objeto (esse olhar é chamado de visão social estereoscópica). Em outras palavras, o pesquisador não pode ser dissociado de suas crenças e visões de mundo, pois ele age sobre si mesmo e sobre as ações como objetos de pesquisa, capacidade denominada flexibilidade.

## **2.2 A pesquisa etnográfica**

Este tipo de pesquisa é importante, pois trata de eventos que necessitam de interpretação por parte dos entrevistados. Por essa razão, é também denominada de interpretativismo e inclui pesquisas qualitativas, pesquisas etnográficas, observações e participações em estudos de caso.

A pesquisa etnográfica se utiliza de técnicas voltadas para descrição do contexto estudado e apresenta uma variedade de modelos culturais e de significados para auxiliar na compreensão dos processos sociais. Tem como característica focar o comportamento social, em que as observações e interpretações são feitas no contexto da totalidade das interações humanas, afirma Moreira (2006).

Bortoni-Ricardo (2008) esclarece que o pesquisador tem que reunir registros de diferentes naturezas, como observação, fotos, entrevistas e vídeos, e tem que ter também clareza para comparar diferentes dados com a finalidade de confirmar ou não uma asserção.

O objetivo deste trabalho é entender como é ensinada a ortografia em sala de aula. A metodologia empregada para alcançar esse objetivo é a da pesquisa qualitativa etnográfica, pois essa abordagem permite ao pesquisador conhecer melhor a comunidade pesquisada e identificar possíveis falhas nas práticas escolares em relação ao ensino da ortografia.

## **2.3 O contexto da pesquisa**

Buscando compreender o papel do contexto escolar no ensino da ortografia e as práticas desenvolvidas em sala de aula, apoiamo-nos na ideia de que a pesquisa qualitativa etnográfica é fundamental para atingirmos os objetivos a que essa pesquisa se propõe.

### 2.3.1 O perfil da escola

A pesquisa foi realizada durante os meses de setembro e de outubro de 2012, nos turnos matutino e vespertino, em horários negociados com o professor regente e com a coordenadora do curso. Essa negociação, segundo Bortoni-Ricardo (2008), é a principal providência a ser tomada para o desenvolvimento da pesquisa.

A escola escolhida como campo de observação foi uma escola da rede pública do Distrito Federal, localizada em Planaltina. A escolha dessa escola foi motivada pelo fato de ela ter sido o lugar onde a pesquisadora desenvolveu o seu estágio supervisionado.

Inaugurada em 2002, a escola se localiza na zona urbana de Planaltina e atende a, aproximadamente, dois mil alunos. Funciona nos três turnos, oferecendo educação de jovens e adultos, nos níveis fundamental e médio. As aulas são totalmente presenciais e as salas têm, em média, 33 alunos. A escola apresenta baixo índice de repetência, conforme apontado no último censo escolar. Existe uma boa relação entre professores e alunos entre professores e pais de alunos.

É uma escola relativamente nova e, por essa razão, ainda mantém um padrão exemplar de estruturação, com salas limpas e arejadas.

O objetivo dessa escola é preparar seu corpo discente para enfrentar novos desafios, por meio da realização de vários projetos que promovem a cidadania, a solidariedade, a educação ambiental, o prazer e o gosto da leitura. Esse objetivo fica claro no próprio lema da escola: *Educação para o exercício consciente da cidadania*.

A escola conta com um laboratório de informática dotado de boa infraestrutura e tem lutado para integrar os alunos da melhor forma possível no mundo e nas novas tecnologias que ele oferece. O uso dos computadores como equipamento de pesquisa e auxílio aos alunos a se familiarizar com essa tecnologia é uma iniciativa nesse sentido.

A escola está sempre envolvida em projetos de extensão que mobilizam toda a comunidade. Um desses projetos é a Feira do Livro. Ela teve início em 2006 com a realização de uma pequena feira de gibis e livros didáticos para o Ensino Médio. No ano de 2008, a feira ampliou seus objetivos, acrescentando atividades de incentivo à

leitura e à valorização do livro. Atualmente, a Feira do Livro faz parte do projeto Político Pedagógico da Escola e conta com a presença de escritores, apresentações culturais de alunos e convidados. A organização do evento é responsabilidade da coordenação pedagógica da escola, dos professores e dos alunos. Durante a feira, os alunos são incentivados a colocar à venda livros usados, por preços simbólicos, e a adquirir novos títulos para o acervo da escola.

Há na escola um incentivo fabuloso dos professores à leitura e ao conhecimento de mundo, por meio de palestras e de aulas expositivas. Para melhorar a oralidade, promovem-se leituras em grupo e leituras em voz alta. As aulas de língua portuguesa são caracterizadas por aulas contextualizadas, com conteúdos que abrangem aspectos diversificados e atuais.

Alguns recursos didáticos são muito bem utilizados como quadro branco e, em algumas salas, há retroprojeter. Todas as salas possuem um aparelho de televisão, mas ele é muito pouco utilizado pelos professores.

### **2.3.2 O perfil dos colaboradores**

Para a realização deste trabalho, além da pesquisa do espaço escolar, foi feita uma entrevista semiestruturada e um questionário a ser respondido, pelos alunos e professores.

#### **2.3.2.1 Os alunos**

Essa pesquisa foi desenvolvida com duas turmas: uma de 7º ano do Ensino Fundamental e uma do 1º ano do Ensino Médio.

A turma do 7º ano contava com 32 alunos com faixa etária variando entre 11 e 14 anos. Todos os alunos dessa turma estudaram apenas em escolas públicas do Distrito Federal.

A turma do 1º ano do Ensino Médio era composta por 29 alunos com faixa etária variando entre 14 e 16 anos. A maioria dos alunos dessa turma estudaram

apenas em escolas públicas do Distrito Federal. Apenas 2 alunos disseram já ter estudado em escola particular em algum período da vida escolar.

Nas duas turmas pesquisadas, nenhum dos alunos entrevistados já havia sido reprovado em séries anteriores.

Em ambas as turmas, a convivência dos alunos é bem amigável. Ocorrem diálogos entre eles e também uma série de conversas paralelas que, em alguns momentos, atrapalham o andamento da aula.

Na primeira turma citada, existe um aluno de 13 anos que precisa de atendimento especial, pois possui Deficiência Intelectual (também conhecida por DI). No entanto, durante o tempo de observação, não foi notado nenhum tipo de dificuldade entre os colegas em relação à integração e à convivência com esse aluno.

### **2.3.2.2 Os professores**

Para esta pesquisa foram entrevistados dois professores: uma professora do 7º ano do Ensino Fundamental e um professor do 1º ano do Ensino Médio.

A professora do 7º ano do ensino fundamental tem 27 anos de idade e trabalha há 4 anos como professora. Ela é de Formosa (GO), se formou na Universidade do Estado de Goiás (UEG). Há pouco tempo na área, ela se declara apaixonada pela disciplina de Língua Portuguesa, sendo visível o carinho que ela demonstra pelo que faz.

Durante o período de observação das aulas dessa professora, foi possível notar o seu entrosamento com os alunos. Apesar de alguns alunos realmente exigirem um pouco mais de paciência da parte dela, de maneira calma e, muitas vezes amigável, ela conseguia contornar a distração dos alunos e dar prosseguimento às aulas.

O professor do 1º ano do Ensino Médio tem 46 anos e, desses, 20 anos dedicados à carreira do magistério. Ele se formou na Universidade de Brasília (UnB) e, atualmente, está terminando uma outra Graduação em Direito. Da observação

das aulas desse professor, ficou claro que sua postura em sala é mais tradicional que a da professora do 7º ano.

Ao ser questionado sobre os alunos que, de certa forma, “dão mais trabalho” para manter o bom convívio em sala de aula, o professor se declara neutro. Ele afirma que não se importa mais em “correr atrás” dos alunos que “não querem nada com a vida”.

## **2.4 A coleta de dados**

Para a análise, foram colhidas informações junto aos dois professores mencionados e junto aos alunos. Todos foram questionados sobre: a) a visão pessoal sobre ortografia, b) o conceito de ortografia e c) como a ortografia é ensinada em sala de aula. Isso foi importante para identificarmos a maneira como a ortografia é tratada e que práticas são usadas em sala de aula para que o seu conceito seja assimilado pelos alunos.

Ao responderem o questionário proposto, pudemos notar que, tanto os alunos quanto os professores entrevistados, foram bem sucintos em suas respostas.

### **2.4.1 Questionários**

Bortoni-Ricardo (2008) afirma que o trabalho de campo para a coleta de dados começa com as perguntas de pesquisa que direcionam o estudo, sendo que o pesquisador deve concentrar seu esforço investigativo nos fenômenos mais relevantes do estudo e ir prestando atenção aos detalhes.

Assim, para o desenvolvimento desta pesquisa foram elaborados dois questionários com cinco perguntas abertas, sendo um direcionado aos professores e outro direcionado aos alunos.

O questionário dirigido aos professores foi o seguinte:



**Centro Universitário de Brasília- UniCEUB**  
**Curso de Letras/ Português**

Prezado(a) professor(a), sou estudante do 6º semestre de Letras do Centro Universitário de Brasília-UniCEUB e estou fazendo uma pesquisa. Necessito de sua colaboração respondendo este questionário.

Desde já agradeço a colaboração e garanto o sigilo dos dados.

Idade: \_\_\_\_\_

Tempo de magistério: \_\_\_\_\_

Onde se formou: \_\_\_\_\_

1. O que é ortografia para você?
2. Você acha que o ensino da ortografia é importante? Por quê?
3. De que forma é abordado o ensino de ortografia em sala de aula?
4. Quais as dificuldades que você encontra ao ensinar a ortografia em sala de aula?
5. Que tipos de erros ortográficos você encontra mais frequentemente nas produções dos seus alunos?

A partir das respostas dadas a esse questionário, foi possível construir a visão que os professores têm sobre o ensino de ortografia em sala de aula. As perguntas foram desenvolvidas com o intuito de identificar as principais dificuldades encontradas no ensino da ortografia, quais são os erros mais frequentes apresentados entre os alunos e, principalmente, como é feita a abordagem da ortografia nas aulas de português pelos professores.

Durante a pesquisa, não houve objeção nenhuma da parte dos professores em responder ao questionário, nem mesmo para responder a outras perguntas feitas durante um descontraído bate papo na sala dos professores.

O questionário que foi apresentado aos alunos foi o seguinte:

**Centro Universitário de Brasília- UniCEUB**  
**Curso de Letras/ Português**

Prezado(a) aluno(a), sou estudante do 6º semestre de Letras do Centro Universitário de Brasília-UniCEUB e estou fazendo uma pesquisa. Preciso de sua colaboração respondendo este questionário.

Desde já agradeço a colaboração e garanto o sigilo dos dados.

Idade: \_\_\_\_\_

Série: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_

1. O que é ortografia para você?
2. Você acha que é importante que a ortografia seja ensinada na escola?
3. A ortografia do Português é fácil ou difícil? Por quê?
4. Você costuma errar a ortografia das palavras? Que tipo de erros você mais comete?
5. Como seu professor ensina a ortografia em sala de aula?

Ao sabermos quais eram as ideias apresentadas pelos professores, também foi fundamental termos a visão dos alunos acerca do ensino de ortografia oferecido em sala de aula. Com as perguntas, foi possível perceber como a questão da ortografia é abordada nas aulas e como os alunos encaram esse conteúdo.

Esse questionário foi respondido apenas pelos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental. Também não houve objeção da parte dos alunos em responder ao questionário.

Durante a observação, ao questionar alguns alunos do 1º ano sobre o ensino de ortografia, foi notado que a maioria deles é enfática ao dizer que “escrever certo é muito difícil”.

#### **2.4.2 Observação de práticas da sala de aula**

Durante os dias de pesquisa realizados na escola, a análise não se limitou ao espaço da sala de aula. Em dois momentos, durante o intervalo, houve conversas entre a pesquisadora e os alunos para colher mais dados.

Também houve momentos de conversa extraclasse entre a pesquisadora e os professores. Na sala dos professores, um ambiente mais amigável, os professores se sentiam mais à vontade para falarem de suas dificuldades com relação ao ensino da ortografia, relatando inclusive, exemplos de sua vida de discente e de suas dificuldades. Em um dos momentos de conversa o professor do 1º ano comentou que até hoje, na universidade onde estuda atualmente, existem colegas de sala que têm grandes dificuldades para redigir textos e, principalmente, para escrever corretamente.

#### **2.4.3 Documentos**

Além do questionário, das conversas registradas e dos relatos de observação, também foram colhidos alguns documentos importantes para compor o conjunto de dados a serem analisados. Esses documentos são compostos por textos redigidos pelos alunos e que foram selecionados e cedidos pela professora do 7º ano. Esses textos apresentam, em sua opinião, exemplos claros de problemas graves de ortografia, de coesão textual e de clareza na formulação dos pensamentos.

## **CAPÍTULO TRÊS**

### **Análise dos dados**

Com o intuito de transformar as informações colhidas em dados consistentes e com a intenção de poder verificá-los melhor, apresentamos a seguir a análise dos dados coletados durante todo o processo de pesquisa.

#### **3.1 Análise dos dados na perspectiva qualitativa**

Com base na perspectiva qualitativa, teremos um processo de simplificação e transformação dos dados de observações de campo. Será feita uma apresentação e uma organização dos dados coletados. E, como em toda pesquisa qualitativa, é possível chegarmos a uma conclusão obtendo as configurações do fluxo de causas e efeitos.

#### **3.2 Notas de observação: análise das práticas feitas em sala de aula**

Durante todo o tempo de pesquisa em sala de aula, foram observadas diversas práticas elaboradas pelo professor e adotadas pela instituição nas turmas de 1º ano do Ensino Médio para ensinar a ortografia aos alunos. Em uma delas, houve a conversa do professor com os alunos sobre o caráter convencional do sistema ortográfico. Nessa aula, o professor fazia com que eles refletissem sobre as semelhanças e diferenças entre a fala e a escrita.

Para o professor, por meio desse método de reflexão e diálogo sobre o estudo das relações entre o “como se fala” e o “como se escreve”, o aluno percebe as diferenças entre os dois códigos e compreende as convenções do registro escrito.

Em outro momento, o professor pediu antecipadamente que os alunos levassem para a sala de aula gibis do Chico Bento, de Maurício de Souza. A sala foi dividida em grupos para que os alunos pudessem ler os gibis. Na análise dos textos, foi enfatizada a simpatia e a modéstia do Chico Bento. O professor conversou com os alunos sobre a “fala errada” do personagem, ressaltando que nas falas do Chico havia muitos registros da linguagem oral e regional. Ao final dessa prática, o professor anotou no quadro as palavras “erradas” que apareceram no texto e trabalhou a escrita correta dessas palavras com eles.

### **3.2.1 Aulas expositivas**

Como em toda aula expositiva, o professor era o foco principal das aulas. Em alguns momentos, foi identificado que os alunos não participavam ativamente das aulas. Limitavam-se apenas a copiar os exercícios do quadro e a respondê-los. Sentimos falta do contato entre o aluno e o professor e da relação entre o ensinar e o aprender. Tanto para o ensino da ortografia quanto para qualquer outro, a participação dos alunos é de suma importância para o bom andamento das aulas.

### **3.2.2 O caderno de caligrafia**

Outra prática adotada, dessa vez pela professora do 7º ano, era a de ensino da ortografia com base no caderno de caligrafia. Durante alguns dias da semana foram ministradas aulas sobre o Novo Acordo Ortográfico nas quais a professora escrevia palavras já grafadas de acordo com a reforma gramática e pedia para que os alunos as copiassem de forma legível no caderno de caligrafia.

Segundo a professora, essa é uma ótima proposta para ensinar ortografia, já que é uma forma de fazer com que o aluno escreva bem e corretamente. Ela considera que a fixação das palavras vem com a cópia repetitiva dessas palavras. Por isso, são feitos ditados para melhorar a escrita dos alunos. Caso eles errassem alguma palavra, deveriam repeti-la por mais dez vezes.

### 3.2.3 Os ditados e as produções de texto

As atividades escritas que foram feitas em sala de aula para treino da ortografia basicamente foram ditados e produção de texto. Durante essas atividades, foram identificados alguns erros frequentes na escrita dos alunos. Geralmente as palavras dos ditados desenvolvidos em sala de aula eram escolhidas pela professora a partir de sua percepção de que a escrita de tais palavras envolvia erros mais frequentes e pontuais.

No início de uma das aulas observadas, a professora contou uma história breve e bem simples para os alunos e concluiu o conteúdo pedindo que os alunos destacassem uma folha do próprio caderno e redigissem um texto dissertativo, “estilo redação”, segundo palavras da própria professora. Verificou-se na maioria das atividades dos alunos a dificuldade de grafar corretamente:

- Palavras com < ss >, < xc > e < sc >
- Palavras com < rr >
- Palavras terminadas em < l >, < r > e < ão >

Segundo os PCN, cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois seria descabido “treinar” o uso mais formal da fala e na escrita (BRASIL 1997). Com isso a professora exerce, de certa forma, corretamente o que é proposto pelos PCN. No entanto, foram identificadas, durante os exercícios, muitas frases soltas e desconectadas de contexto. Isso, talvez, seja também responsável, em parte, pela escrita deficiente de alguns alunos.

Segundo Bagno (2007), cabe ao professor o trabalho da reeducação linguística e social para que esses alunos possam compreender a complexidade da escrita.

### 3.2.4 Análise e discussão das práticas feitas em sala de aula

Em avaliação aplicada, um dos exercícios presentes na prova de Língua Portuguesa foi a proposta de “correção” de um texto que, de alguma forma, havia sido escrito utilizando-se elementos (palavras e estruturas) da língua falada.

O trecho do texto proposto na avaliação foi o seguinte:

Onti, nós si encontremus  
Nenhum tentou disfaçá  
Eu parti pra riba dele  
Cum um fogo aceso nu oiá  
Que se num fosse um cabra de osso  
Tava aqui dois pedaço.

Foi tanto cheiro cheiroso,  
Foi tanto beijo gostos,  
Antonces nós se alembremos  
O Brasil é tão pequeno  
Nem pôde nos separa.

(Adaptação de Gertrudes da Silva Vargas)

Como ponto positivo, vemos que, com essa questão, o aluno consegue identificar os erros presentes e, utilizando seus conhecimentos, consegue buscar a melhor forma para corrigi-los.

### 3.3 Documentos coletados

Além do questionário respondido pelos alunos e pelos professores, das conversas registradas e das anotações decorrentes da observação da sala de aula, esta pesquisa também conta com alguns documentos. Esses documentos consistem de textos redigidos pelos alunos do 7º ano, e que foram selecionados pela professora de Língua Portuguesa por exemplificarem o que ela chama de “casos alarmantes de erros de ortografia”.

Da análise desses documentos, pudemos notar que é visível a dificuldade que os alunos sentem ao escrever. Algumas palavras observadas nesses exercícios

aparecem grafadas pelos alunos de forma fiel a sua pronúncia, o que mostra a forte influência da oralidade na escrita dos alunos.

### **3.4 Depoimentos**

O questionário de pesquisa foi respondido pelos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental e pelos professores de Língua Portuguesa entrevistados.

#### **3.4.1 A voz dos professores**

A professora do 7º ano foi bem sucinta em suas respostas e descreveu ortografia como a “grafia das palavras”. Ao ser questionada quanto à importância da ortografia e quanto a sua opinião em relação à ortografia, ela foi enfática ao dizer que considera a ortografia importante, pois sem ela não haveria a possibilidade de escrever frases, textos e etc. As formas explicitadas por ela para abordar a ortografia em sala de aula consistem em correções de redações feitas pelos alunos, leituras de textos e seleção de algumas palavras que são geralmente confundidas pelos alunos, ditados e escritas repetitivas.

Ao ser questionada sobre as dificuldades mais encontradas ao ensinar a ortografia, a professora diz que os alunos confundem muito a grafia e, em muitos casos, não conseguem assimilar as regras existentes.

Como observado anteriormente, e apontado pela professora, os erros mais comuns encontrados na grafia dos alunos se referem às palavras que se escrevem com < ss >, < sc >, < s >, < z >, < x > e < ch >. Além disso, há problemas de acentuação e com as palavras *isto* e *isso*, *esta* e *essa*.

Não muito diferente da opinião da professora do 7º ano, o professor do 1º ano também foi enfático ao dizer que, para ele, ortografia nada mais “é que a forma em que se escrevem as palavras”. Ele considera que a ortografia é de suma importância para o crescimento acadêmico dos alunos e a melhor forma de ela ser trabalhada é por meio da escrita. Só assim, o aluno conseguirá obter êxito mais rápido.



A maior dificuldade encontrada pelo professor ao ensinar a ortografia é que os alunos não leem. Para ele, os discentes precisam aprender a ter mais gosto pela leitura. Só assim, eles escreverão corretamente.

Os erros mais comuns encontrados pelo professor em relação à ortografia de seus alunos são, geralmente, palavras grafadas com < ss >, < sc >, < rr >, < z > a palavras terminadas com < l >, < m > e < ão >.

### **3.4.2 A voz dos alunos**

Quando questionados sobre o que é ortografia, as principais respostas dos alunos se assemelham muito às respostas dos professores: “ortografia é como se escrevem as palavras”.

Dos 32 alunos entrevistados, todos responderam que consideram o ensino da ortografia importante. Com relação a achar esse ensino difícil ou não, apenas 5 alunos disseram que não achavam difícil escrever corretamente. O restante dos alunos respondeu que achava a ortografia complicada.

Quanto aos seus principais erros de grafia, dos 32 alunos entrevistados, 28 afirmaram que sua maior dificuldade é com a troca de letras. Foram citadas palavras com < ss >, < rr >, < sc >, < xc > e < ç > como as de grafia mais complicada e que levavam a troca de letras. Dos alunos entrevistados, apenas 4 relataram ter problemas com acentuação.

Os ditados e as produções de texto estão presentes nos relatos dos alunos em relação à abordagem do professor para melhor ensinar a ortografia em sala de aula.

### 3.5 Os erros encontrados

No quadro abaixo, identificamos os erros mais frequentes apresentados pelos alunos ao redigir uma redação proposta pela professora do 7º ano:

Palavras	Grafia dos alunos	Tipo de erro
bonita	<i>bunita</i>	1
enterro	<i>interro</i>	
jantar	<i>jantá</i>	
agito	<i>ajito</i>	2
cidade	<i>sidade</i>	
sozinha	<i>sosinha</i>	

Observando minuciosamente o quadro acima, vemos que nos exemplos em (1) existe a presença marcante da oralidade na escrita dos alunos, pois eles redigiram as palavras de forma fiel ao modo de falar.

Nos exemplos (2), notamos que falta familiaridade gráfica, uma vez que os alunos usam uma outra letra que também pode representar um fonema e, ao fazer essa escolha, acabam por grafar as palavras incorretamente.

### 3.6 Desafios para o ensino da ortografia

Com base nos dados colhidos, vemos que alguns cuidados devem ser tomados no ensino da ortografia. Devem-se observar as regras ortográficas existentes, a maneira de ensiná-las aos alunos e como não tornar o ensino de ortografia traumático e maçante. Cabe ao professor exercer seu papel de educador da melhor forma possível.

A esse respeito, Cabral (2003, p. 54) afirma que

A grafia dos radicais básicos que estão em desacordo com as regras grafêmico-fonológicas é aprendida, são globalmente relacionadas ao léxico mental fonológico e a melhor aprendizagem é certamente obtida através da leitura maciça.

Tomando o professor como um importante mediador durante o processo de ensino da escrita, alguns recursos podem ser usados como forma de auxílio para suas aulas. Um deles é o dicionário, que é um livro que reúne um grande número de palavras em ordem alfabética, apresentando o significado de cada uma delas, bem como a maneira correta de grafá-las.

Outro suporte de que o professor deve se valer são os *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Eles servem para nortear as ações do professor ao apontar as atividades que podem ser desenvolvidas para o ensino-aprendizagem de ortografia e da oralidade: produção de textos e de eventos da oralidade, escuta de textos em situação de leitura em voz alta, retextualização (produção escrita de textos a partir de outros textos).

A escola deve possibilitar o ensino da língua oral, respeitando as variantes que o aluno traz para a escola e colocando-o em contato com a sua cidadania. Cabe à escola o papel de desenvolver atividades que permitam a esse aluno usar a língua, tanto na modalidade oral quanto na escrita, sem grande choque para ele, já que a ortografia é um conhecimento que se relaciona com a língua escrita.

Quando o professor entende a origem de cada dificuldade de seus alunos, ele consegue discernir sobre como proceder para melhor abordar o ensino em sala de aula, principalmente, no que diz respeito ao ensino da ortografia, evitando que as aulas se tornem cansativas e difíceis para os alunos.

A cópia repetitiva de palavras grafadas incorretamente traz resultados, momentâneos, pois faz com que o aluno posteriormente escreva certo. Isso, porém, não leva o discente a aprender a escrever. Essa prática faz com que ele apenas decore como se escreve.

Por fim, deve-se ressaltar que o ensino da ortografia da língua portuguesa precisa assumir uma nova postura. Em vez de ensinar a obrigatoriedade de aprender a “escrita certa”, deve-se despertar no aluno a consciência de que escrever de acordo com o padrão é importante. Essa conscientização é necessária, pois contribui para o aluno alcançar a cidadania.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino da ortografia é uma questão difícil, pois a língua portuguesa segue um padrão ortográfico que, ao longo do tempo, veio sofrendo mudanças e deixando vestígios.

Ao ser aprovado, o Novo Acordo Ortográfico de 2009 trouxe consigo uma rejeição entre os alunos, já que algumas mudanças na grafia das palavras acarretariam uma certa dificuldade de memorização para eles, uma vez que, desde muito tempo, a mesma palavra era escrita de outra forma.

Hoje, vemos que apesar de não ocorrer em todas as instituições, pouco a pouco, a ortografia que é ensinada nas escolas deve ser pontualmente vista como aquela ortografia também utilizada fora do contexto escolar e que sofre influências diversas como: a internet, os regionalismos e, até mesmo, a cultura. É de suma importância ressaltar que, em vez de se preocupar em avaliar ou até mesmo julgar o conhecimento ortográfico dos alunos, é o papel da escola investir mais no ensino da ortografia. Não adianta exigir que o aluno escreva certo sem criar oportunidades para que ele reflita sobre a importância desse saber.

Esta pesquisa possibilitou a reflexão acadêmica sobre as dificuldades encontradas por professores e por alunos no processo de ensino-aprendizagem da ortografia da língua portuguesa. Mostrou que é fundamental ter em vista que os alunos, ao serem julgados por seus erros ortográficos, se sentem cada vez mais incapacitados para aprender.

O professor que busca entender a origem de cada dificuldade encontrada pelo seu aluno consegue discernir sobre como proceder para melhor abordar o ensino em sala de aula, sem tornar as aulas cansativas e sem tirar do aluno a certeza de sua capacidade.

A cópia repetitiva de palavras grafadas incorretamente, realmente faz com que o aluno posteriormente as escreva de maneira correta. No entanto, isso não faz

com o discente aprenda a escrever. Práticas como essa apenas contribuem para que o aluno decore a grafia da palavra. Isso não é ensinar ortografia. É necessário despertar no aluno a consciência de que escrever de acordo com o padrão é importante. Essa conscientização é necessária, pois contribui para o aluno alcançar a cidadania.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRASIL, MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 5ª a 8ª Séries do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: Ministério da Educação, 1997.
- CABRAL, Leonor Scliar. *Princípios do sistema alfabético do Português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2003.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu*. São Paulo: Editora Scipione, 1998.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.
- KATO, Mary. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- LEMLE, Miriam. *Guia teórico do alfabetizador*. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- MÓDOLO, Marcelo e BRAGA, Henrique. Os diálogos em internetês. *Revista Língua Portuguesa*, edição 82, 2012.
- MORAIS, Artur Gomes. *Ortografia: ensinar e aprender*. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- MOREIRA, Marco A. *A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula*. Brasília: Editora da UnB, 2006.
- NEVES, Maria Helena Moura. *Que gramática estudar na escola?* São Paulo: Editora Contexto, 2003.
- PELLEGRINI, Tânia. *Português - palavra e arte*. São Paulo: Editora Atual, 2002.
- POSSENTI, Sírio. Escrever certo, escrever bem. *Revista Língua Portuguesa*, edição 82, 2012.
- SILVA, Maurício. *Ortografia da língua portuguesa: história, discurso e representações*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

SILVEIRA, Rosa M. H. Silêncio: Ditado! *AMAE Educando*. Ano XIX, número 178, 1986.

ZORZI, Jaime Luiz. *Aprendizagem e distúrbios da escrita: questões clínicas e educacionais*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

**ANEXOS**



## ANEXO A

Nome: [REDACTED] nº: 02  
 Série/Surma: 6 série "B"  $\frac{10}{0,3}$

O conto do presente de Maria

Existe dentro de uma caixa uma boneca muito bonita chamada de Emília, ela conta muito e dança muito.

Maria ganhou uma caixa chamada de presente, ela ficou feliz e contente com o ~~seu~~ <sup>seu</sup> presente e descobriu que era a Emília. Era a mãe dela que Maria dadas o presente, então ela amava sua mãe pois ela sempre comprava muitos presentes.

No final do dia, maria foi jantar e dormiu.

Fim PPP  
ooo

O seu texto não tem coesão e nem coerência. Refaca-o que recolheri na próxima quinta. Mais atenção ao escrever!!!



ANEXO B



Nome: [Redacted]

nº 18

Série / Turma: 7º "B"

???

→ título

1,0

0,3



Uma princesa chamada Paula vive feliz e contente em sua cidade até que um dia sua avó morreu e ela foi viajar pra o interior. Lá ela conheceu seu grande amor que era o seu primo e ele falou que eles iam namorar e se casar futuramente. Ela aceitou 15 anos depois os dois se casaram e viveram muitos felizes.

Preste atenção na margem e na construção do texto. O que aconteceu com nossas aulas de redação ???





## ANEXO D

Jolie

Nome: [REDACTED] nº 15

Série / Turma: 7º ano "B"

1,0  
0,5

A doida

Em uma cidade chamada Planaltina DF morava uma mulher que gostava de correr atrás das crianças, ela era muito doida e falava sozinha nas ruas.

Às vezes passa perto de uma igreja a doida ficou curada em nome de Jesus e nunca mais correu atrás das crianças.

Seu texto pode ficar mais rico, basta você querer!

o que aconteceu com nossas aulas de redação ???

© Jolie

tilibra